

Eixo Nº 3: Modos de apresentação das consultas atuais: identidades, virtualidades, sintomas e caráter

Coordenadores: Luisa Aragón (NELcf. Ciudad de Guatemala, Guatemala) / Joaquín Carrasco (NELcf. Santiago, Chile)

Integrantes: Mariela Camacho (Cochabamba, Bolivia), Carolina Carrillo (Caracas, Venezuela), Eugenia Flórez (Medellín, Colombia), José Luis Obaid (Santiago, Chile), Javier Ortiz (Guatemala, Guatemala), Sandra Rebellón (Cali, Colombia), Betsy Rivera (Chiapas, México), José Fernando Velásquez (Medellín, Colombia), Karina Zapata (Chile, Chile)

Modalidades de apresentação das consultas atuais: consequências e desafios

As mudanças de época implicam um aggiornamento permanente do analista, para o qual a idealização da prática da psicanálise joga contra. Esta nova clínica que se impõe abre um leque de diversas modalidades de gozo e variados modos de apresentação. Como acolhemos as novas formas e que consequências extraímos disso? qual é a relação destes modos de apresentação com o real?

Efeitos da virtualidade

A prática da psicanálise não escapa ao incremento do uso da virtualidade e das tecnociências, podendo se tornar um *gadget* mais à disposição. No relatório apresentado em A Grande Conversa Virtual da AMP¹ não se descarta o uso da virtualidade como recurso para o encontro com um analista, sendo possível começar a se analisar por esta via, levando em conta que a entrada em análise não ocorre sob esta modalidade. O uso da virtualidade é um recurso que traz desafios.

A virtualidade modifica as coordenadas do tempo e espaço. Nos perguntamos sobre a intermitência e as consultas esporádicas que se retomam a partir de encontros com o real,

¹ Relatórios dos comitês de ação da Escola Uma, *Revista El Psicoanálisis*, nº41, 2022. Tradução livre.

com o imediatismo que o virtual traz. Também pelos meios de pagamento e as tecnologias, que têm mais do que nunca uma relação estreita. Por exemplo, o pagamento através de transferências bancárias.

É essencial estabelecer a diferença entre o virtual como recurso tecnológico e a virtualidade própria da experiência analítica “que vai do significante da transferência à realização do significante qualquer na presença de cada analista”². Incluir o que Miller chama “a presença em carne e osso”³ é fundamental para que o ato analítico se produza, tanto na entrada como no final.

Diante do aumento da virtualidade nossa aposta requer restituir e renovar a prática sem descuidar seus princípios. Mantém-se aberta a pergunta sobre como concebemos o virtual, seus alcances e sua incidência em nosso fazer.

Pluralização das identidades e despatologização

Assistimos a uma proliferação de identificações⁴ cristalizadas no plano sexual, nacional, religioso, político *etc.* De mãos dadas com esta proliferação constatamos uma maior rigidez identitária que não dá lugar a questionamentos, e aquilo que se torna opaco de si mesmo fica por fora da experiência. Por sua vez pode se tratar de identidades transitórias, sujeitos que experimentam uma mutação nas suas identidades e que se agarram à identidade da vez. É um ponto crucial já que o apego a uma identidade seja ela qual for, implica um impasse para a experiência analítica, enquanto “a entrada em análise supõe uma renúncia prévia ao gozo solitário da própria unicidade”⁵. Diante do enfraquecimento das identificações apoiadas na tradição, o sujeito aparece dirigindo suas próprias identificações sob a diretriz “sou o que digo”. Esses casos nos interpelam a pensar como fazer surgir um Outro oracular que dê lugar à produção de um enigma para o próprio sujeito. Seguindo Manuel Fernández

² Ruiz, I., “O virtual e o real”, *Revista Lapsos*, nº 7. Disponível em: <http://matpsil.com/revista-lapso/portfolio-items/ruiz-lo-virtual-y-lo-real-en-un-psicoanalisis/>, Acessado em: 26/08/23.

³ Relatórios dos comitês de ação da Escola Uma, *op. cit.*

⁴ Brousse, M. “As identidades, uma política, a identificação, um processo, e a identidade, um sintoma”, *Opção Lacaniana online nova série*, nº 25/26, mar./jul. 2018. Disponível em: http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_25/As_Identidades_uma_politica_a_identificacao.pdf, acessado em 26/08/23.

⁵ Miller, J.-A., (1993-1994). *Donc*. Buenos Aires, Paidós, 2020, p. 118. Tradução livre.

Blanco, “o sujeito que se pretende idêntico a sua autodefinição se ampara no que sente, sob a lógica de se sinto assim, sou assim”⁶.

Temos ouvido com mais frequência em nossas consultas sujeitos que fazem referência a suas “autopercepções”, esperando do analista uma mera ratificação destas. O problema é que reforçar a identidade fecha o caminho para o modo de gozo sintomático de cada sujeito, gozo que está fora de sentido⁷. A crença de que se é transparente consigo mesmo e que a identidade é intocável implica um rechaço do inconsciente.

Entre os discursos que procuram operar como S_1 encontramos uma posição particularmente problemática. Trata-se da censura que se exerce em direção a certos discursos, incluindo a psicanálise, com a ideia de que a palavra só é válida quando se faz parte da identidade a que se faz referência. Uma posição de denúncia que, ao mesmo tempo, produz novos circuitos de segregação⁸.

Por outro lado, o empuxo à “despatologização”⁹, na reivindicação dos estilos de vida, implica um desafio para a clínica do singular. Paradoxalmente, se apresenta uma exigência de diagnósticos que deriva na constituição de comunidades de gozo que promovem o uso de políticas identitárias. Nessa direção, encontramos a ideia de que o profissional deve compartilhar a mesma identidade de quem o procura, por exemplo, que os trans se dirijam a terapeutas que sejam parte da comunidade LGBTQ+. Outro exemplo é o que Vilma Coccoz descreve como *tecnotribo* autista, pessoas que se declaram autistas no *youtube* ou outras redes sociais, tecendo um laço social entre eles como neuro divergentes diferenciando-se dos neuro típicos¹⁰.

Os Uns sozinhos e a dimensão do saber

⁶ Fernández, M. (2023). Inédito. Apresentação na NELcf da Revista Factor a N°6 “Filhos do mal-entendido”. Tradução livre.

⁷ Brousse, M., “Identidades, uma política, identificação, um processo e identidade, um sintoma”, *op. cit.*

⁸ Assef, J., “Multiplicar os circuitos de segregação wokismo e cultura do cancelamento”. *Lacan XXI*, Revista FAPOL online, jun. de 2022. Disponível em: <https://www.lacan21.com/sitio/multiplicar-os-circuitos-da-segregacao-wokismo-e-cultura-do-cancelamento/?lang=pt-br>. Acessado em: 26/08/23.

⁹ Alvarenga, E., “O equívoco da despatologização”. *Revista Factor; Hijos del malentendido*, Ano 4, n° 6, pp. 75-76, 2023. Disponível em: <https://revistafactora.org/revista-pdf/revista-ano-4-nro-6/>, Acessado em 27/08/23, Tradução livre.

¹⁰ Coccoz, V., “Saia do armário”, X Semana do Autismo, Seminário Internacional *Questões cruciais no autismo*, Medellín, 2023, Tradução livre.

A época atual nos confronta com um aumento dos Uns sozinhos, modalidades de gozo que tendem a se implementar e a se apresentar no seu carácter autista. Cada um está em seu mundo, puxado quando não tiranizado pela particularização das formas em que vive a pulsão.

Há de querer sair da “solidão do *seu* mundo”¹¹ para procurar um analista. A transferência em sua vertente simbólica implica a busca de um saber que leve o sujeito a se endereçar ao Outro. Como coloca Miller: “o sujeito suposto saber em termos de demanda inclui que a demanda inicial da análise é a demanda de significação sob a pergunta *o que isso quer dizer?*”¹².

Constatamos que, em muitos casos, a dimensão do saber não está presente nos atendimentos atuais. Trata-se de casos em que o sofrimento não suscita nenhuma interrogação, menos ainda a uma retificação subjetiva. Em contrapartida, é comum se apresentar uma procura terapêutica de alívio imediato, que pode incluir ou não indicações sobre “o que fazer”, sem uma implicação articulada a um ponto enigmático. Esta formulação da demanda está em sintonia com o empuxo da avaliação de utilidade direta, perante a qual a experiência analítica não se submete¹³. Há sujeitos que também só buscam um espaço para serem acolhidos sem ter a clareza do porquê que vêm, sendo necessário um tempo para esclarecer se existe ou não uma demanda e qual é a sua natureza.

Nos perguntamos se o analista se constitui como um referente que encarna a suposição de saber na cultura atual, na qual proliferam múltiplas formas de tratamentos do mal-estar subjetivo. Na experiência analítica, estas mudanças trazem consequências inegáveis para o analista e sua prática, para a escuta do Um sozinho e a leitura do funcionamento das invenções e arranjos singulares diante do gozo que habita o *parlêtre*.

O carácter e o sintoma hoje

¹¹ Briole, G., “Ser de su mundo y soledad”, *Textos de orientación*, ELP, 2022. Disponível em: <https://todoelmundo.jornadaselp.com/to-ser-de-su-mundo-y-soledad/>, Acessado em: 27/08/23.

¹² Miller, J. A. “Como iniciano le analisi?”, Disponível: <https://enapol.com/xi/pt/portfolio-items/come-iniziano-le-analisi/?portfolioCats=149>, Acessado em 27/08/23.

¹³ Miller, J. A. Psicoanálisis y Sociedad. *La utilidad directa*. EOL, https://www.eol.org.ar/template.asp?Sec=publicaciones&SubSec=on_line&File=on_line/psicoanalisis_sociedad/miller-ja_lautilidad.html, Acessado em 27/08/23.

Sabemos que os conceitos não se fixam, mas se atualizam e nos atualizam, sendo necessário nos deixar ensinar pela clínica¹⁴. Considerando a diferença entre a época de Freud e a nossa, a relação entre sintoma e caráter é fundamental para a orientação lacaniana.

Miller destaca que o caráter se apresenta na experiência de uma análise “como aquilo que não se deixa ler e, mais precisamente, que não se deixa ler segundo o modelo das formações do inconsciente”¹⁵. Ou seja, faz obstáculo a toda a tentativa de deciframento sustentado no modelo da articulação significativa a partir de um significante reprimido. O caráter, que remete ao gozo não decifrável marcado por um excesso de satisfação, torna-se uma chave para a leitura dos modos de apresentação dos atendimentos atuais.

Lacan adverte no Seminário 10 que o sintoma não é um chamado ao Outro, mas um gozo que se basta a si mesmo¹⁶. O sofrimento fica eclipsado por trás das novas apresentações, sendo comum encontrar sujeitos que se reafirmam sob o enunciado “assim sou eu”. Esta exigência ao direito a gozar aparece como defesa e como resistência ao trabalho analítico. Torna-se difícil localizar o sintoma, especialmente quando o gozo é incorporado pelo eu. Quando a função da palavra é afetada, escotomizada e estritamente reduzida ao dito¹⁷, como praticantes apostamos em dar lugar a que em cada *parlêtre* algo fale ali, atentos a produção de alguma vacilação fantasmática, ao surgimento da angústia ou a emergência de algum desarranjo.

Sustentamos que “o encontro com um analista, no seu conjunto faz bem”¹⁸ contando inclusive com os obstáculos que se apresentam. Não é possível para o praticante estar à altura da subjetividade e responder às mudanças sem considerar que ele mesmo é produto de sua experiência com a palavra e que também leva as marcas da época do Outro que não existe. A política do sintoma continua a ser a nossa bússola, embora as suas apresentações

¹⁴ Cors, R., “Conversas clínicas: uma escansão”. Atividade realizada em 30 de junho no NELcf-Caracas, 2023, Inédito.

¹⁵ Miller, J. A., *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. Buenos Aires, Paidós, 2011, p. 113.

¹⁶ Tudanca, L. “Abonados e desabonado”. *XI ENAPOL*. Disponível em: <https://enapol.com/xi/pt/portfolio-items/abonados-e-desabonados/>, Acessado em: 26/08/23.

¹⁷ Alberti, C., “El porvir de la interpretación”, *UBA Psicología*, 20123, Disponível em: <https://www.youtube.com/live/6lNpou1ugDc?feature=share>, Acessado em: 20/08/23.

¹⁸ Miller, J.-A., “As Contraindicações ao tratamento psicanalítico”, *Revista Opção Lacaniana*, n. 25, 2023, pp. 52-55.

mudem. Retomando o exposto por Miller, fica evidente que tomar o sintoma como o real é a proposta que nos cabe nestes tempos para ler os modos de gozo que se apresentam, leitura que requer paciência¹⁹ e uma orientação ética apoiada no desejo do analista.

Diante das novas formas do mal-estar na cultura, somos chamados a operar de maneiras novas. Torna-se orientadora a noção do analista que faz par, como objeto versátil²⁰, cuja docilidade dignifica as múltiplas variações de nossa prática.

Tradução: Carolina Vignoli.
Revisão tradução: Ana Beatriz Zimmermann e Paola Salinas
Revisão: Luis Francisco Camargo

¹⁹ Miller, J.-A. “El nacimiento del Campo Freudiano”. *EOL Lacan on line*. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/gAVcOuaUyYM?feature=share>, Acessado em: 27/08/23

²⁰ Miller, J. A., As Contraindicações ao tratamento psicanalítico. *Revista Opção Lacaniana*, número 25, 52-55, out. 1999.